



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 18, n. 04, art. 9, p. 159-171, abr. 2021

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2021.18.4.9>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



Desenvolvimento do Português como Língua de Herança em Trinidad e Tobago: Aquisição e Aprendizagem

The Development of Portuguese as Heritage Language in Trinidad and Tobago: Acquisition and Learning

Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha

Doutora em Linguística pela Lancaster University, Inglaterra
Lecionou na The University of the West Indies, St. Augustine, Trinidad e Tobago
E-mail: jandaccunha@gmail.com

Jo-Anne Sharon Ferreira

Doutora em Linguística na UWI, Santo Agostinho
Professora da The West Indies University, St. Augustine, Trinidad e Tobago
E-mail: Jo-Anne.Ferreira@sta.uwi.edu

Endereço: Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha

Sala 322, 3º Andar Oeste, Escola de Humanidades
Faculdade de Letras e Educação, Universidade das Índias
Ocidentais, Santo Agostinho.

Endereço: Jo-Anne Sharon Ferreira

Sala 322, 3º Andar Oeste, Escola de Humanidades
Faculdade de Letras e Educação, Universidade das Índias
Ocidentais, Santo Agostinho.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 11/03/2021. Última versão
recebida em 25/03/2021. Aprovado em 26/03/2021.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Neste artigo, damos uma visão geral das tentativas de manter e reavivar a língua portuguesa entre os descendentes lusitanos e brasileiros em Trinidad e Tobago. A imigração portuguesa aconteceu principalmente na segunda metade do século XIX e, em anos mais recentes já na virada do século XXI, indivíduos e famílias brasileiras chegaram ao país. No cenário de quase apagamento da cultura lusa entre os descendentes de portugueses, os brasileiros trouxeram um novo ímpeto e força para o possível reavivamento da língua portuguesa.

Palavras-chave: Herança Linguística. Língua de Herança. Língua de Estado. Aquisição e Aprendizagem do Português.

ABSTRACT

In this paper, we give an overview of the attempts at Portuguese language maintenance and revival among Portuguese and Brazilian descendants in Trinidad and Tobago. Portuguese immigration took place mainly in the latter half of the 19th century and more recently, Brazilian individuals and families arrived in the country at the turn of the 21st century. In the context of the near demise of Portuguese culture among Luso-descendants, Brazilians have brought new impetus and strength to the possible revival of the Portuguese language.

Key-words: Linguistic Heritage, Heritage Language. State Language. Portuguese Language Acquisition and Learning.

1 INTRODUÇÃO

A República de Trinidad e Tobago é o país insular mais próximo do Brasil no mar do Caribe. No total, o país tem 5.128 quilômetros quadrados, sendo basicamente formado por duas grandes ilhas, Trinidad (4.828 km²) e Tobago (300 km²). As duas ilhas estão afastadas uma da outra por 33 quilômetros, uma distância três vezes maior do que os 11 quilômetros que separam a ilha de Trinidad da costa da Venezuela, do outro lado do Golfo de Pária. A capital de Tobago é Scarborough, enquanto que Porto Espanha (Port-of-Spain, em inglês) é a capital de Trinidad e também do país como um todo. A língua oficial é o inglês.

Neste artigo, apresentamos uma visão geral das tentativas de manter e reavivar a língua portuguesa entre os descendentes lusitanos e brasileiros em Trinidad e Tobago, onde a imigração portuguesa aconteceu principalmente na segunda metade do século XIX e, em anos mais recentes já na virada do século XXI, indivíduos e famílias brasileiras se estabeleceram. No cenário de quase apagamento da cultura lusa entre os descendentes de portugueses, os brasileiros trouxeram um novo ímpeto e força para o possível reavivamento da língua portuguesa.

Em particular, abordamos questões relativas ao desenvolvimento da língua (aquisição e aprendizagem) que fortalecem a tentativa de resgate e/ou manutenção da cultura entre portugueses e brasileiros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Com base no conceito de língua de herança, iniciamos um estudo histórico do contexto da perda da cultura lusófona entre descendentes de portugueses em Trinidad e Tobago e de pesquisa etnográfica empreendida pelas autoras entre lusofalantes – tanto portugueses como brasileiros, e seus descendentes.

Para explicar a herança linguística, Cavalcanti-Cunha (2014) recorreu aos conceitos de ‘herança biológica’ e de ‘herança jurídica’. A herança linguística não é um conjunto de caracteres genéticos hereditariamente transmitidos, como o é a herança biológica. Tampouco é, como a herança jurídica, uma sucessão de bens, direitos e obrigações transmitidos por disposição orçamentária ou por via de sucessão.

A herança linguística é parte de uma herança cultural: um valor ancestral que é transmitido por meio do processo de socialização das novas gerações. Como outras parcelas da identidade de um povo, esse valor está inserido em um contexto geográfico-social que

retroage dinamicamente na construção psicossocial do indivíduo que recebe a herança linguística.

No campo jurídico, existe o caso da herança jacente, aquela que não é necessariamente aceita quando aberto o inventário, mas que ainda assim não é repudiada ou declarada vaga. Ocorre na ausência de um testamento ou de herdeiros identificados, por isso poderá ser declarada como herança vacante. Se uma herança for declarada vaga, ela será transferida para o Estado. Simbolicamente, o mesmo ocorre com a língua de herança: ela pode ou não ser herdada dos pais, porém, se não for, abre-se uma vacância por meio da qual, em posição primeira, poderá entrar a língua do Estado em que os filhos estão inseridos, ocupando no desenvolvimento desses não só o espaço linguístico-cultural, mas, no plano psíquico, o espaço sentimental e emocional. É importante salientar que tanto a língua de herança quanto a língua do Estado podem fazer parte do repertório linguístico dos filhos, que poderão se desenvolver como bilíngues.

2.1 Portugueses e brasileiros em Trinidad e Tobago

Embora haja registro da presença lusitana em Trinidad e Tobago desde o ano de 1630 (WILLIAMS, 1962), somente dois séculos mais tarde o censo populacional do país de 1891 detectou oficialmente portugueses no país. Os primeiros imigrantes vindos de Portugal para o Caribe eram oriundos do arquipélago de Açores, no Oceano Atlântico Norte, a oeste do litoral lusitano.

Foi no século XIX – após a abolição da escravidão, já em 1834 – que os portugueses das ilhas Madeira começaram a chegar a Trinidad e Tobago. O maior fluxo migratório aconteceu em um período de três anos, entre 1846 e 1849, por conta das crises econômicas e sociais no arquipélago, principalmente as vicissitudes na indústria do vinho e as pragas na lavoura da semilha¹. Em anos posteriores (1853-1856) os problemas na área da saúde em Portugal – como as epidemias de sarampo e febre amarela, e o surto de cólera que viria a matar uma grande quantidade de pessoas² fortaleceram os elos migratórios entre a Macaronésia portuguesa³ e o Caribe. No século XX, o período entre as duas grandes guerras –

¹ A semilha (*solanum tuberosum*), cultivada na Madeira desde meados do século XVIII, é conhecida no Brasil como batata-inglesa, ou simplesmente batata.

² De acordo com Pires de Almeida (2011), na metade do século XIX o surto de cólera que se espalhou de Lisboa para o arquipélago da Madeira matou cerca de 9 mil pessoas, 2.600 somente em Funchal, a capital.

³ A exceção das ilhas Canárias, também localizadas no Oceano Atlântico, embora a oeste de Marrocos, os outros três arquipélagos da Macaronésia são lusofalantes: Açores e Madeira são ainda territórios portugueses com autonomia administrativa, mas a República de Cabo Verde – outrora também pertencente a Portugal – é um país insular independente desde 1976. Os três arquipélagos têm a língua portuguesa como oficial.

a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) e a Segunda (1939 – 1945) – também marcou outro influxo migratório, com cerca de 1.000 portugueses chegando ao país.

Acostumados a trabalhar em vinícolas em sua terra natal, os imigrantes lusitanos foram contratados para ajudar nas lavouras de cana de açúcar e de cacau, suprindo assim a falta dos ex-escravos africanos. Entretanto, com o passar do tempo, eles foram trocando o cultivo agrícola pelo comércio e, a partir de 1900, já se encontravam entre os principais comerciantes da ilha de Trinidad, muitos deles no comércio de bebidas alcoólicas, razão pela qual sua imagem social ficou ligada às ‘*rum shops*’. Mesmo vendendo outros produtos que não só essas bebidas, as lojas portuguesas passaram então a ser identificadas como ‘Portuguese shops’ ou ‘*Poteegee shops*’.⁴

Os descendentes mais prósperos conseguiram atingir alguma ascensão social já no século XX, embora, no início, eles não tenham feito parte da elite como outros imigrantes provenientes da Europa. Em registros oficiais, eles não foram identificados como ‘europeus’ e sim como ‘portugueses’ por conta de sua pele nem sempre alva, fruto de uma história de miscigenação racial. Em verdade, os portugueses já eram discriminados em outros países europeus como, por exemplo, a Inglaterra, onde eram identificados pela expressão pejorativa *coloured*, ‘de cor’.

Entre si, os próprios portugueses se discriminavam por conta de suas proveniências geográficas. Era problema o fato de os madeirenses virem de um arquipélago da Macaronésia onde, originalmente, já havia um distanciamento geográfico da capital Lisboa e do histórico de patrícios do bloco continental europeu. Em muitos casos, a confissão religiosa de alguns imigrantes madeirenses, que nem sempre coincidia com a esmagadora maioria católica da Península Ibérica, era também um complicador em suas relações sociais. Alguns madeirenses eram presbiterianos que, fugindo da perseguição religiosa em seu arquipélago, viram o preconceito se repetir na ilha de Trinidad, onde foram rejeitados pelos próprios compatriotas, ou impelidos à conversão para serem reassimilados pelo grupo católico.

Os portugueses apoiaram, mas não alteraram substancialmente a cultura de Trinidad. O apagamento de sua memória e de sua língua pode ser atribuído ao fato do grupo dominante português não ter registrado a história de suas minorias. Os imigrantes madeirenses de origem humilde e sem dinheiro, sobretudo aqueles que chegaram no século XIX, apresentavam um grau de letramento muito baixo, o que certamente dificultou o registro de sua própria história.

⁴ O termo ‘Poteegee’ (ou ‘Potogee’) passou a identificar pejorativamente os imigrantes vindos de Portugal, que são conhecidos como ‘Portagee’ nos Estados Unidos, sobretudo na Califórnia e no Havaí, onde há substancial presença de portugueses e descendentes, particularmente de Açores e Madeira.

Outra razão para a ausência de uma marca forte na cultura local foi o fato de que os imigrantes portugueses não chegaram a Trinidad e Tobago em grande número. Os dados demográficos da época mostram que o fluxo migratório lusitano não teve a expressão numérica de outros grupos étnicos, nem mesmo da grande população portuguesa da Guiana.

Além disso, os portugueses foram rapidamente assimilados por causa da exogamia e da procriação no concubinato fora de sua comunidade, com mulheres de origem africana, indiana, chinesa, árabe, ou de outras origens europeias. Essa miscigenação é um traço cultural que marcou a emigração lusitana mundo a fora, mesmo quando os portugueses eram o grupo dominante em suas colônias, como aconteceu no Brasil. Para Pindorama⁵, os colonizadores portugueses trouxeram séculos de integração genética e cultural – tanto com povos europeus como os celtas, romanos e germânicos, quanto com mouros e judeus – e, em terras brasileiras, miscigenaram-se com os povos indígenas e, mais tarde, com os escravos africanos.⁶

Já a presença brasileira em Trinidad e Tobago começou a ser pontuada no final do século XX, em um contexto de quase apagamento da cultura lusa no país. Não houve um fluxo migratório do Brasil dirigido especificamente para o Caribe, porém indivíduos brasileiros começaram a chegar à ilha de Trinidad de forma disseminada. No início da década passada, a Embaixada Brasileira em Porto Espanha estimava em 270 o número de brasileiros residentes no Caribe, sendo que 101 deles estavam registrados em Trinidad e Tobago⁷, particularmente na ilha maior. Em 2015, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil registrava – de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – 199 brasileiros residentes em Trinidad e Tobago (MRE, 2011; 2015)⁸.

Alguns desses brasileiros eram ‘migrantes do amor’, isto é, aqueles que migraram por conta de uniões amorosas internacionais, escolhendo a terra do cônjuge como seu novo habitat (Cavalcanti-Cunha, 2007). Outros eram profissionais da indústria petrolífera, professores universitários e até jogadores de futebol. Em 2010, eram três os jogadores de

⁵ Para os povos tupi-guarani, que habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses, Pindorama era um lugar mítico, livre de males. O termo significa “terra das palmeiras”, que também identifica a região costeira do país, onde eles à época habitavam.

⁶ Darcy Ribeiro (1996, p.81-105) identificou essa miscigenação entre portugueses, indígenas e africanos como um “criatório de gente”. O antropólogo brasileiro explica que a instituição social que possibilitou a formação do povo brasileiro foi o “cunhadismo”, um uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade, promovendo casamentos com jovens nativas em uma união que criava laços familiares – sem o que os estranhos teriam tido apenas uma erupção passageira e não se estabelecido na nova terra. Vivendo com os indígenas, para além de adotar seus hábitos, os portugueses fizeram surgir um “criatório de gente mestiça”, incrementado pela chegada dos africanos escravizados, que também trouxeram consigo uma grande diversidade cultural.

⁷ Dados oficiais da Embaixada Brasileira em Porto Espanha, Trinidad e Tobago, 2011.

⁸ Essa população de brasileiros no exterior divulgada pelo MRE no início da década passada é subestimada, uma vez que os dados consulares dizem respeito unicamente aos brasileiros documentados, regularmente registrados na Embaixada do Brasil.

futebol brasileiros trabalhando em Trinidad e Tobago: um atuando no San Juan Jabloteh, em San Juan, no corredor Leste-Oeste do norte da ilha de Trinidad, próximo à capital Porto Espanha; outros dois jogando mais ao sul da ilha, no W Connection, clube localizado no subúrbio de Marabella, na cidade de San Fernando, onde se encontra o maior estádio, o Mannie Ramjohn Stadium.⁹

Se no passado os portugueses não se mantiveram como um grupo étnico distinto por conta das razões brevemente discutidas acima (número reduzido de famílias imigrantes com distribuição dispersa pelo território do novo país; miscigenação de seus membros com indivíduos da sociedade hospedeira; baixo letramento que os impediu de fazer registros de sua história; conflitos internos causados por preconceitos sociais e religiosos), no presente os brasileiros também não são percebidos como uma comunidade distinta. Eles são um grupo difuso, em número reduzido e disperso geograficamente. Não têm o amálgama social dos brasileiros nos Estados Unidos, mesmo sendo ali uma extensão territorial bem superior à de Trinidad e Tobago, onde, em verdade, eles são invisíveis.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Atitudes em face à herança linguístico-cultural

A língua e a cultura portuguesa em Trinidad e Tobago não são salientes. Apesar da resistência inicial dos imigrantes lusitanos, seus descendentes sucumbiram à pressão da sociedade envolvente por uma conformidade sociocultural e linguística. Agremiações sociais portuguesas criadas no início em século XX – como a Associação Portuguesa (1905) – não conseguiram se manter exclusivamente por meio da língua portuguesa. Ainda assim, há resquícios da cultura lusa que podem ser identificados esporadicamente – por exemplo, denominações na culinária e outros domínios, bem como nos mais de 100 sobrenomes de famílias lusitanas listados por Ferreira (1994 e 1999).

Contrariando a absorção majoritária, ainda há hoje indivíduos e famílias trinitárias que estão determinados a recuperar sua herança portuguesa em terras lusas, seja viajando como

⁹ Em Trinidad e Tobago, o futebol não é um esporte tão popular como o críquete, contudo tem um público fiel. O sonho dos torcedores de futebol era classificar seu time para uma Copa do Mundo – sonho que conseguiram realizar pela primeira vez em 2006, na Alemanha. Os trinitário-tobaguenses torcem pela seleção canarinho na ausência de sua seleção nacional, os Soca Warriors (Guerreiros do Futebol – soca é a fusão da música *soul* com o calipso, um ritmo absolutamente trinitário). Sobre a participação de Trinidad e Tobago na Copa da Alemanha, ver Cavalcanti-Cunha (2006); Cavalcanti-Cunha e Ramos (2006).

turista ou mesmo simplesmente reivindicando o passaporte nacional, que passou a ser muito disputado desde a adesão de Portugal à União Europeia em 1986. Não são poucos aqueles que procuram por seus parentes em redes sociais na Internet e nas páginas *online* do Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Alguns descendentes dos imigrantes da Madeira estão conseguindo com sucesso preservar os laços com o arquipélago de seus pais, avós, e até bisavós. Esses descendentes de madeirenses têm como traço distintivo a existência de, no mínimo, um ancestral imigrante da década de 1930, ou de anos posteriores. Levantamento feito entre portugueses chegados do continente europeu, sem ligações com a Madeira, mostrou que eles nem sempre se integraram a esse movimento de preservação e resgate de sua língua e cultura, preferindo a absorção pela cultura do país hospedeiro em busca de ascensão social.

Observa-se também que tem havido um crescente interesse em relação ao Brasil nos últimos anos, particularmente entre 2013 e 2014, quando paisagens naturais e cenas urbanas do ‘país do futebol’ foram mostradas a mais de 3,5 bilhões de telespectadores nos quatro cantos do mundo. Como consequência da Copa das Confederações de Futebol FIFA (Fédération Internationale de Football Association) e da Copa do Mundo também veio o interesse pelo português, ainda que não tenha sido expressivo o número de luso-trinidadenses interessados em aprender a variedade brasileira da língua nos cursos – tanto regulares como de extensão – oferecidos no *campus* de St. Augustine da The University of the West Indies (UWI)¹⁰.

Com o apoio da Embaixada do Brasil, os cursos de português na UWI começaram com professores brasileiros em parceria com a Universidade de Brasília. A partir dos anos 1990, professores trinitários já formados no português do Brasil foram incorporados à equipe. Os livros utilizados são editados no Brasil e produzidos para o ensino da variedade brasileira. Também o material didático de apoio inclui livros, filmes e documentários brasileiros, em grande parte doados pela Embaixada do Brasil.¹¹

¹⁰ A Universidade das Índias Ocidentais é a maior universidade no Caribe de língua oficial inglesa. De cunho internacional, ela tem seus *campi* físicos situados em quatro países distintos: Jamaica, Trinidad e Tobago, Barbados, Antígua e Barbuda. O *campus* de Mona, na Jamaica, foi o primeiro, instituído em 1948 como uma faculdade externa independente da Universidade de Londres. Em 1960, foi criado o segundo *campus*, em St. Augustine, Trinidad e Tobago. Em 1962, foi a vez do *campus* de Cave Hill, em Barbados. Em 2019, mais de meio século após a criação do primeiro campo universitário da UWI, foi instituído outro em Antígua e Barbuda. Além desses quatro *campi* físicos, há o Open Campus, virtual, aberto em 2008. Há ainda um centro de Hotelaria e Gestão de Turismo nas Bahamas.

¹¹ A Embaixada do Brasil também doa quatro prêmios acadêmicos importantes aos alunos da UWI. Três deles para aqueles que estudam a língua portuguesa: The Moacyr Scliar Prize, The Clarice Lispector Prize e The João Guimarães Rosa Prize. Um quarto destina-se àqueles que estudam a cultura brasileira: The Câmara Cascudo Prize for Brazilian Culture.

Apesar dessa forte influência brasileira no ensino da língua portuguesa na UWI, uma pesquisa realizada com um grupo focal, reunido em um curso ministrado por uma professora portuguesa em 2013/14, mostrou que os luso-descendentes que procuram os cursos de português na universidade, prefeririam que a ênfase do ensino estivesse na variedade europeia (FARNEDA E FERREIRA 2016). Mesmo assim, entre os estudantes lusitanos dos cursos da UWI, há um reconhecimento geral de que o ensino do português – seja ele da variedade brasileira ou da variedade lusa – é importante para que se possa reavivar o uso da língua em Trinidad e Tobago.

Essa atitude dos luso-descendentes difere daquela mantida pelos brasileiros e seus descendentes em Trinidad e Tobago. Estes são imigrantes recentes e têm hoje a seu favor pontos que eram inexistentes à época da imigração portuguesa, entre os quais a aceleração dos meios de comunicação pelo avanço da informática que facilita o contato frequente com a língua e a cultura do Brasil. Além disso, a proximidade geográfica de Trinidad e Tobago com a América do Sul permite o ir e vir mais frequente dos brasileiros ao seu país de origem, o que estreita os laços de parentesco das novas gerações além da família nuclear.

3.2 Cenários de aquisição e de aprendizagem de português em Trinidad e Tobago

Existem claramente dois cenários de desenvolvimento do português em Trinidad e Tobago: aquisição e aprendizagem.

A aquisição linguística é um processo de interiorização do conhecimento de uma língua em ambiente natural, de forma mais intuitiva e subconsciente. No caso da língua portuguesa, a aquisição hoje ocorre principalmente entre brasileiros que, se vivendo em família, mantêm o português falado em casa, onde o difundem às novas gerações como uma língua de herança.

Para brasileiros casados com indivíduos de outras nacionalidades, essa estratégia nem sempre é bem sucedida. Em famílias nas quais um dos genitores é brasileiro, mas o outro não, observou-se que o português nem sempre é falado durante todo o tempo. Em alguns casos, é usada a estratégia conhecida como “uma pessoa, uma língua” – ou simplesmente OPOL, sigla em inglês para “*one person, one language*” – na qual cada genitor fala a sua língua materna com os filhos. Estudos sobre desenvolvimento de bilinguismo mostraram que, ao separar as duas línguas desde a tenra idade, uma criança pode aprendê-las mais facilmente, sem as confundir. A estratégia de associar essas línguas ao pai e à mãe daria também à criança a

oportunidade de desenvolver uma relação emocional naturalmente independente com cada um dos pais.¹²

Como o inglês é a língua oficial do país e também a língua dominante na comunicação, o apelo da sociedade envolvente é muito forte em famílias de brasileiros casados com anglofalantes. As crianças, que ficam a maior parte do dia na escola ouvindo e falando o inglês, acabam por ter uma maior interação verbal com o genitor anglofalante.

Em um caso estudado por Cavalcanti-Cunha (2014), o pai brasileiro usava uma estratégia que é identificada como ‘hora da língua’ (*language time*) na literatura especializada sobre desenvolvimento do bilinguismo. Essa estratégia é criticada por alguns linguistas – entre eles o francês Jean Grosjean (1982) – por estar ela baseada em um fator arbitrário: a necessidade de se ter uma hora certa durante o dia, ou um dia fixo na semana, para se falar a língua-alvo. No caso dessa família, a hora escolhida foi o desjejum, horário em que o pai associava o conversar português com o prazer bem brasileiro de poder tomar uma xícara de café pela manhã.

Diferentemente do cenário da aquisição, a aprendizagem ocorre em um cenário pedagógico formal. Em Trinidad e Tobago, as primeiras lições de língua portuguesa foram ministradas, experimentalmente, na Associação Portuguesa Primeiro de Dezembro, fundada em 1905 e localizada em Porto Espanha. Nos anos 1980, a Escola de Línguas do National Institute of Higher Education, Research, Science and Technology (NIHERST) foi a primeira instituição a oferecer o ensino formal da língua de Camões. Em anos mais recentes, a Embaixada Brasileira também ofereceu cursos de português, sempre dependendo da disponibilidade de seus funcionários e do interesse do público.

No entanto, o ensino mais regular é atualmente feito no *campus* de St. Augustine da Universidade das Índias Orientais (UWI),¹³ onde, em 1987, começou o programa de estudos da língua e cultura luso-brasileiras no hoje Departamento de Línguas Modernas e Linguística (DMLL)¹⁴, por onde já passaram 18 professores, dos quais 15 brasileiros e 1 portuguesa. Doze anos após o início dos cursos de português no DMLL, também o Centro para Aprendizagem

¹² A estratégia de “uma pessoa, uma língua” se tornou conhecida no início do século XX, depois que o linguista francês Jules Ronjat a aplicou no desenvolvimento do bilinguismo em seu filho Louis. Casado com uma alemã e vivendo em Paris, Ronjat adotou a estratégia após ler um trabalho de seu colega Maurice Grammont, publicado em 1902, seis anos antes do nascimento de Louis em 1908. Denominando a estratégia de “fórmula Grammont”, Ronjat registrou o desenvolvimento linguístico de Louis até ele atingir quatro anos e dez meses como bilíngue em francês (a língua do pai) e alemão (a língua da mãe). (RONJAT, 1913).

¹³ O *campus* de St. Augustine foi o primeiro dos *campi* da UWI a introduzir estudos de língua portuguesa, tendo iniciado uma graduação em Estudos Brasileiros em 2014. No *campus* de Cave Hill, em Barbados, há um programa similar. No *campus* de Mona, Jamaica, também são oferecidos cursos de língua portuguesa.

¹⁴ DMLL, Department of Modern Languages and Linguistics.

de Línguas (CLL)¹⁵ – que oferece cursos extramuros de línguas abertos à comunidade trinitária – passou a ministrar aulas de língua portuguesa e cultura brasileira. Em 2014, no âmbito de um intercâmbio da UWI com a Universidade do Porto, em Portugal, realizou-se um curso exploratório dirigido a alunos luso-descendentes e regido por uma professora nativa de Portugal (NÉDIO, 2014).

Para desenvolver a língua portuguesa nesse cenário de aprendizagem, a prática pedagógica na UWI baseia-se em um ensino com abordagem comunicativa por meio de tarefas relevantes para os alunos, de sorte a incentivá-los à livre expressão. É justamente nesse ensino formal que os descendentes de portugueses encontram caminho para desenvolver a língua de seus ancestrais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sobrevivência de uma língua é parcialmente dependente de circunstâncias socioculturais, entre elas: o número de membros do grupo falante, o seu prestígio social e, sobretudo, o uso e a função da língua em questão – no caso, o português. Além disso, a produção de material de ensino e o treinamento de professores capacitados a trabalhar com o grupo alvo são fatores importantes para a manutenção dessa língua.

Na situação de contato linguístico dos portugueses em Trinidad e Tobago durante o século XIX, houve um entrelaçamento dos fatores sócio-históricos e psicológicos que foram de encontro à manutenção da língua de imigração na comunidade portuguesa. Para começar, o inglês era percebido como a língua de poder, prestígio e de reais possibilidades para ascensão. De um lado, havia a lealdade à língua materna e a atitude de solidariedade ao grupo linguístico original, porém, de outro, havia a preocupação com a construção da identidade das novas gerações. Os filhos de imigrantes teriam que dominar a nova língua para futuramente exercer com completude papéis sociais no país hospedeiro. Assim, o baixo status sociocultural dos primeiros imigrantes foi repassado para a língua portuguesa que foi desvalorizada: o português não resistiu em Trinidad e Tobago como uma língua de herança, a ser repassada de pais para filhos.

No entanto, com a chegada de imigrantes brasileiros, há cada vez mais oportunidades para os luso-descendentes aprenderem formalmente a língua de seus ancestrais. Mesmo que

¹⁵ CLL, Centre for Language Learning.

ela não seja ensinada por portugueses, mas por brasileiros especializados no ensino de Português como Língua Estrangeira e por trinitários formados em Português Brasileiro.

A sala de aula surge então como um cenário de ligação entre os portugueses e brasileiros: os primeiros, como alunos, reconhecendo hoje a importância da aprendizagem do português, seja ele de qualquer variedade; os segundos, como professores, trabalhando em prol do resgate da língua portuguesa. Ambos os grupos reconhecendo a necessidade do preenchimento da vacância em sua herança linguística.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. V. Ser português na Trinidad: etnicidade, subjectividade e poder. **Etnográfica**, Vol. I (1), 1997, p. 9-31.

CAVALCANTI-CUNHA, M. J. Língua de Herança: Estratégias na Aquisição da Língua dos Pais. **Revista SIPLE**, no. 7, 2014. Disponível em http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=308:lingua-de-heranca-estrategias-na-aquisicao-da-lingua-dos-pais&catid=70:edicao-7&Itemid=113, acesso em 12 dez. 2014.

_____. **Língua e Identidade em Vidas Migrantes**. In: M. J. C. Cunha; M. Guran et alli. *Migração e Identidade*. Olhares sobre o Tema. São Paulo: Centauro, 2007a, p. 133-190.

_____. ‘Viajando’ em Trinidad: um estudo do falar da ilha. **Leitura**, no. 39, jan./jun. 2007b, p. 35- 53.

_____. **Um país revelado pela bola**. Blog do Noblat. Estadão. <http://noblat1.estadao.com.br>, Acesso em 10/6/2006.

CAVALCANTI-CUNHA, M. J; RAMOS, G. **Os Guerreiros do Socca**. Estadão. <http://noblat1.estadao.com.br>, Acesso em 14/6/2006.

FARNEDA, E. S; FERREIRA, Jo-Anne S. Português língua de herança: Um estudo da tentativa da manutenção de uma língua praticamente extinta, em Trinidad e Tobago. In: Maria Luisa Ortiz Alvarez; Luís Gonçalves, **O Mundo do Português e o Português no Mundo**. São Paulo: Pontes, 2016, p. 137-156.

FERREIRA, Jo-Anne S. **The Portuguese of Trinidad and Tobago: Portrait of an Ethnic Minority**. 2a edição. Kingston: UWI Press, 2018.

_____. **The Portuguese language in Trinidad and Tobago: A study of language shift and language death**, 1999, p. Dissertação de Doutorado. The University of the West Indies, St Augustine, orient. Barbara Lalla.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.

MRE. Ministério das Relações Exteriores. **Brasileiros no Mundo - Estimativas**. 3^a.ed., Brasília, BR: MRE, jun. 2011.

_____. **Brasileiros no Mundo**. Estimativas populacionais das comunidades. Disponível em <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades>. Acesso em 28 fev. 2015.

NÉDIO, M. C. V. **O ensino de português língua estrangeira através de tarefas: da teoria à prática**. 2014, 152 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, orient. Luis Fernando Padilha.

PIRES DE ALMEIDA, M. A. **A epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa**. História, ciência e saúde-Manguinhos, vol.18, no.4, Rio de Janeiro Oct./Dec. 2011. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702011000400006>, acesso em 20 jul. 2014.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, G. **O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco?**. In: Rocha Reis, Rosane (org.), *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Bomtempo Editorial, p. 45-85.

RONJAT, J. **Le développement du langage observé chez un enfant bilingue**. Paris: Champion, 1913.

WILLIAMS, E. **The History of the People of Trinidad and Tobago**. Port-of-Spain: P.N.M. Publishing Co. Ltd., 1962.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

CAVALCANTI-CUNHA, M. J; FERREIRA, J. A. S. Desenvolvimento do Português como Língua de Herança em Trinidad e Tobago: Aquisição e Aprendizagem. **Rev. FSA**, Teresina, v.18, n. 04, art. 9, p. 159-171, abr. 2021.

Contribuição dos Autores	M. J. Cavalcanti-Cunha	J. A. S. Ferreira
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X